



O ex-guerrilheiro Genoino (E) e o conservador Cardoso Alves são calorosos amigos

## Newton diz que José Hugo não representa Minas

Brasília — O presidente José Sarney pediu ao governador eleito de Minas Gerais, Newton Cardoso, em dezembro, que ele se aproximasse do ministro da Indústria e Comércio, José Hugo Castello Branco, e "tentasse entendê-lo". Na última terça-feira, Cardoso voltou ao Palácio do Planalto, disse a Sarney que não atendera seu pedido e explicou: "Não adianta. O José Hugo não representa o PMDB de Minas."

Newton Cardoso alega que, dos 53 deputados federais do estado, 35 são do PMDB, formando a maior bancada do principal partido de sustentação política do governo. Entretanto, José Hugo e o outro ministro mineiro, o do Interior, Ronaldo Costa Couto, não mais representam a correlação política que surgiu das urnas de novembro. Os dois nomes que Cardoso tem engatilhados para oferecer ao presidente são o do deputado José Geraldo Ribeiro e o do secretário geral do Ministério da Fazenda, João Batista de Abreu, mas não necessariamente para a Indústria e Comércio e para o Interior.

Cardoso quer vagas para seu grupo na área econômica e tem preferência pelo Ministério dos Transportes — hoje ocupado pelo amigo pessoal de Sarney José Reinaldo Tavares — e pelo próprio Ministério da Indústria e Comércio — que está sendo também disputado pelos paulistas, tendo à frente o governador eleito Orestes Quércia. O tema da reforma ministerial só surgiu na segunda parte da audiência de Cardoso com Sarney, quando o grupo de parlamentares que acompanhava o governador saiu do gabinete presidencial e os dois ficaram a sós.

Cardoso vem defendendo junto a Sarney e outros membros do governo federal que o loteamento dos ministérios feito por Tancredo Neves e herdado por José Sarney foi baseado numa composição geográfica, pois se tratava da montagem de um governo de transição apoiado por todas as unidades da federação. Entretanto, agora, neste novo momento comandado pela Constituinte, Sarney deve reequilibrar o seu ministério pelo poder de votos das bancadas.

Assim, Minas — que tem uma bancada do PMDB maior do que todos os outros estados e, além disso, fiel ao governador — deveria ser bastante prestigiada na reforma ministerial prevista para o próximo mês. Outras bancadas fortes seriam a de São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Um dado que a bancada mineira vem usando, desde quinta-feira, para reforçar este raciocínio: na votação do regimento, 26 deputados do PMDB de Minas estavam contra o artigo que permitia à Constituinte legislar sobre a atual Constituição; apenas cinco eram a favor e quatro estavam ausentes.

## Convivência na Câmara aproxima adversários

Arquivo — 12/2/87

Rodolfo Fernandes

Brasília — Saído direto das radicalizadas disputas sindicais entre banqueiros e bancários no Rio Grande do Sul, o deputado petista Olívio Dutra não teve o seu espanto ao constatar que em Brasília, ao contrário do que imaginava, parlamentares de esquerda e de direita se dão muito bem. Dificilmente, no Congresso Nacional, por posições ideológicas distintas, xitas de esquerda ou reacionários da direita deixam de se cumprimentar. O susto que Olívio Dutra levou ao desembarcar na Constituinte é compartilhado por muitos novatos que presenciam cenas que jamais imaginariam.

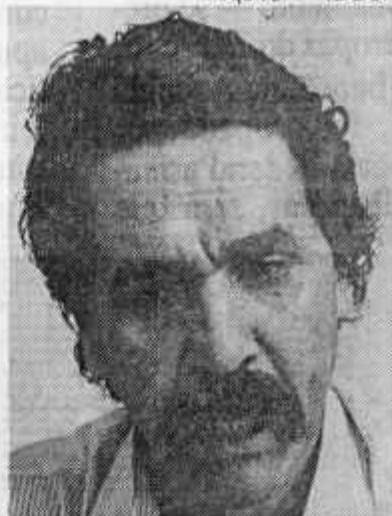
— O Olívio Dutra está espantado com a intimidade que eu tenho com a esquerda — disse o líder do PDS, Amaral Neto, um direitista assumido e histórico. Quando o Palácio do Planalto anunciou que teria um líder da tribuna na Constituinte, Amaral subiu à tribuna para dizer que estava assumindo a liderança da minoria, o que incluía os deputados do PT. Os petistas que já exerciam mandato na legislatura passada acharam graça da brincadeira, mas os novos, como Dutra, não gostaram nem um pouco.

— Ele vai se acostumar com o "clubinho" — garante o líder do PDS, um dos mais antigos sócios desse "clubinho", como chama o Congresso Nacional.

O espanto de Olívio Dutra seria ainda maior se ele presenciasse o nível afetoso do relacionamento de dois deputados que são representantes diretos da esquerda e da direita no Congresso. O deputado José Genoino (SP), ex-guerrilheiro, eleito pela ala mais radical do PT, considera-se amigo pessoal do deputado Roberto Cardoso Alves, da facção mais conservadora do PMDB paulista e tido como o maior adversário da reforma agrária na Câmara.

— Nós temos um relacionamento pessoal muito bom, independentemente das posições políticas, que são as mais distantes — diz Genoino.

Na legislatura passada, quebrados os compromissos pessoais do início de mandato, Genoino e Cardoso Alves descobriram-se uma noite na mesma festa, patrocinada por um amigo comum. Na saída, o deputado do PT, que não tem



Amizades espantam Olívio

carro, aceitou uma carona no Landau preto de Cardoso Alves. Em vez de irem para casa, os dois resolveram jantar juntos, situação inimaginável para os eleitores de ambos.

Outros dois parlamentares que estão em campos diametralmente opostos, o líder do PT, Luís Inácio Lula da Silva, e o ex-ministro Delfim Neto (PDS) foram capazes de levar adiante um debate em tom surpreendentemente cordial.

— Aqui não é o ministro contra o operário. São dois constituintes que vão debater em alto nível — explicou Delfim Neto.

Nem sempre, porém, é possível dar demonstrações como essa, por mais força que se faça. Nos últimos quatro anos, por mais que tenham se cruzado nos corredores do Congresso, José Genoino e o deputado-major Sebastião Curió (PDS-PA) nunca trocaram uma palavra que não fosse de acusação. A última vez que os dois haviam se encontrado antes de se elegerem para a Câmara, estavam de armas na mão, lutando na guerrilha do Araguaia. Nem a pressão velada existente na Câmara contra os radicalismos foi capaz de aproximá-los.

— O Curió foi a única pessoa a quem eu recusei dar um aperto de mão aqui dentro. Eu acho que entre torturador e torturado não há mediação possível — justificou Genoino.

## Sarney quer mais uma ponte para Congresso

Brasília — O presidente José Sarney disse ao senador Gérson Camata (PMDB-ES), em audiência no Palácio do Planalto, que está criando um grupo informal de parlamentares para fazer uma espécie de ponte de comunicação entre o Congresso Constituinte e o governo. Camata sugeriu que Sarney fizesse isso e ele respondeu: "Já estou fazendo". Disse ainda o presidente que "chegou a pedir" ao deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, que assumisse o comando das negociações para a aprovação do regimento.

— E o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, como fica? — perguntou uma repórter a Camata, depois da audiência.

"Ele será um deles e poderá até ser fortalecido, pois terá outros parlamentares para auxiliarem nas tarefas de comu-

nicação com o Planalto", justificou Camata.

Sarney recebeu dezenas de parlamentares ao longo do dia e, segundo o deputado Stélio Dias (PMDB-ES), "estava muito preocupado com as votações do Congresso e com os que, segundo ele, procuram difundir um clima pessimista quanto à situação do país". Por isto, revelou Dias, o presidente fez uma enfática defesa da manutenção da Aliança Democrática, "para que sejam cumpridos os compromissos assumidos com a nação em 1984".

Para Camata, o presidente manifestou preocupação de que a Constituinte "tenha dois lados" e opinou: "A Constituinte tem que ser de todos, não pode ter oposição. Temos que tentar aumentar o nível de diálogo e é para isso que estou pedindo mais tempo para a negociação do regimento".